



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"O livro é um mudo que fala, um surdo que responde, um cego que guia, um morto que vive."

Padre Antônio Vieira

Literatura



Camilo Castelo Branco

Aventuras de um Boticário de Aldeia



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

Aventuras de um Boticário de Aldeia

Camilo Castelo Branco



Adaptação ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1862 (*Cenas Contemporâneas*).
Livro Digital (Gratuito) nº 1074 - 1ª Edição - São Paulo, 2020.
Conto/Novela - Literatura Portuguesa.

**Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco
(1825-1890)**



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, MOBI, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

UMA RESENHA PARA CAMILO

Por que inspiram em geral as florestas uma suave tristeza? Por que se aninha o anjo da melancolia nos seus recessos umbrosos? Que misterioso condão possuem arvoredos de dulcificar a saudade? Que celeste orvalho se pendura da ramagem entrelaçada, e se deixa cair gota a gota cerrando não, mas suavizando as úlceras do coração? Que filtro mágico se encontra entre carvalhos e cedros, onde se purifica o sentimento, onde a paixão, essa flor cujas raízes se prendem à terra, e cujo aroma voa aos céus, toda se desfaz em místicos perfumes, em enlevos de alma, em divinas aspirações?

Eu quero-me com as árvores, ou com o mar. Vagueando nas alamedas dos castanheiros, sentado nas fragas, onde se quebra a onda, tenho sempre sentido como que um anjo de Deus, que vem pousar de manso a meu lado, trazer-me pensamentos do céu e arrobar-me a alma em êxtases inefáveis, que não me acodem quando os chamo no meio das mais esplendidas paisagens.

A brisa, que agita a copa das árvores frondosas, a aragem, que se refrigera com as úmidas exalações do oceano, têm-me feito reclinar a fronte no seu regaço de tristezas, e têm murmurado ao meu ouvido palavras consoladoras, impregnadas não nas irritantes consolações da terra, mas nesse alívio inefável do céu, que faz com que nos brotem as lágrimas dos olhos, e que as deixa depois deslizarem lentamente pelas faces! Prantos de infinda doçura, pelos quais eu trocaria todas as alegrias do mundo, prantos às vezes sem motivo, e que outras vezes jorram da urna misteriosa, que trazemos oculta no coração, furtando-a à curiosidade banal, e que se chama a urna das saudades!

Saudades! não sabe o que é esse doce e amargo sentimento quem nunca viu a aragem acamar as frondes do imenso arvoredo, nem a solidão do oceano, sem fim, na sua majestosa, na sua sublime monotonia. Não sabe o que são saudades quem nunca escutou os concertos, que a viração forma nos pinheirais, e as melodias que desfere o vento do mar nas ondas, que vão de serra em serra de água perder-se no horizonte.

Eu também o não sabia! Como que pressentira esse *gosto amargo de infelizes* no meio dos alcantilados verdores de Cintra, mas quando eu, criança ainda, procurava a solidão das alamedas da Penha Verde, a fim de compreender melhor o sentimento que do coração dos poetas trasbordava para os seus livros, não podia perceber as vozes misteriosas, que partiam de cada ramo agitado, de cada folha desprendida, de cada árvore balouçada. Sentia a necessidade vaga de me afastar do mundo, de me soltar dos laços do presente, e de conversar em espírito com as gerações extintas. Evocava a grandiosa imagem de D. João de Castro, pensava nas grandezas de outrora desta nação aviltada, reconstruía na imaginação a cena da leitura dos *Lusíadas*, e como que me parecia sentir por traz de mim o passo vivo, alegre e desembaraçado do moço D. Sebastião, o pisar leve e astucioso do jesuíta Luís da Câmara, e entrever lá no fundo da alameda o vulto majestoso e venerando do cantor das nossas glórias, de Camões!

Nada mais! Os fantasmas, que se me entremostravam, a não serem estes fantasmas épicos, eram vultos indecisos e encantadores, que começavam a despontar no horizonte do futuro, iluminados pelo róseo fulgor dos sonhos dos quinze anos! Á beira da estrada, que pisava alegremente, não se erguia ainda nem um só túmulo, eram tudo palácios encantados, castelos de fadas, jardins de Armida, dessa gentil Armida, fascinadora personalização de tudo quanto nos enfeitiça neste mundo, de tudo quanto nos prende com flóreas grinaldas, tudo... tudo que é uma coisa só “Amor.”

A saudade, senti-a depois, quando voou para o Empíreo o anjo protetor da minha infância! A verdadeira saudade! A que se não

alma, nem se procura aliviar, a que se transforma em culto, a que se não simboliza nessa roxa flor que dura uma estação, mas sim na flor, que se entretece em grinaldas sobre os túmulos, e que se chama perpétua.

Levaram-me à província do Minho os acasos da existência!

Atravessei pela primeira vez o oceano. Debruçado na amurada do navio, vi as ondas estalarem no costado do barco, e soltarem um queixume; ouvi o rugir do leão. Acordei alta noite e senti o contínuo marulhar das ondas; subi ao tombadilho e vi o mar imenso desenrolar-se no seio das trevas. E em quanto os meus companheiros de viagem se enfadavam da demora dela, eu ficava horas e horas enlevado a escutar esse cântico eterno, esse hino intraduzível, e compreendia-o, adivinhava-o, e sentia os olhos turvos de lágrimas, porque o bramido das ondas, o sussurrar do vento tudo me dizia “saudade.”

Lia essa mágica palavra escrita em letras de espuma na superfície imensa do mar, lia-a em letras de fogo gravada no firmamento azul, e em presença daquela dupla majestade do céu que faiscava mundos, do mar que palpitava ondas, enlevou-me a tristeza indefinível da abobada estrelada, e o melancólico lamento desse velho leão acorrentado, que se chama oceano.

E o anjo da saudade pousou junto de mim.

Outra vez subira eu à velha torre de menagem do castelo de Guimarães. Por baixo de mim não via senão arvoredo. O sol sumira-se quase de todo por traz das montanhas do ocidente, dourando ainda apenas uma ou outra folha dessa imensa abobada verdejante. Levantara-se um vento frio, que me zunia aos ouvidos. As árvores curvavam-se ao sopro da aragem, e erguiam-se depois dela passar, para de novo se curvarem. Creiam que não me acudiu ao espírito nem a imagem de D. Tareja, nem a de Fernão Peres de Trastâmara, nem a de Afonso Henriques, nem a de Egas Moniz. Nem sequer me indignou o sarapintado pau de bandeira com que desfiguravam a

majestade do velho monumento. Não via senão aquele imenso arvoredado, não escutava senão o gemer do vento, não pensava senão nos ausentes, de que me separavam léguas, nos mortos de que me separava o túmulo.

E senti palpitem de novo em torno de mim as asas sombrias do anjo da saudade.

Não vi o *Bom Jesus do Monte*, mas adivinhei-o. Pressenti o que seria a floresta sagrada e famosa do Minho, contemplado os obscuros arvoredos de Guimarães.

O livro, que Camilo Castelo Branco acaba de publicar, produziu em mim uma suave impressão. Também ele vai procurar saudades às florestas, também ele gosta de contemplar, por entre as árvores, os túmulos que orlam a estrada da sua vida.

A floresta do Bom Jesus viu-o passar criança, adolescente, juvenil, e finalmente homem de idade madura. Ouviu as confidências dos seus primeiros sonhos, sentiu correr as suas primeiras lágrimas. De cada vez que o romancista se ia acoitar no verdejante asilo, já tinha mais uma tristeza que lhe narrar, mais uma coroa fúnebre que pendurar em nova cruz erguida em novo túmulo.

E a floresta, sempre viçosa, acolhia serenamente o homem, cuja fronte se ia pendendo a mais e a mais; e, ufana da sua eterna primavera, via desbotarem-se as flores da existência do piedoso romeiro!

Foram estas sucessivas confidências que Camilo Castelo Branco reuniu no admirável livro que se intitula *No Bom Jesus do Monte*, livra impregnado numa suave melancolia, livro do coração e para o coração, e a que Camilo Castelo Branco poderia dar o nome de *Livro das saudades*.

O sentimento fino, delicado, comovente é a sua feição principal. Camilo Castelo Branco parece que não escreveu para o público, mas

sim para o umbroso arvoredo seu confidente e consolador. E estou certo que ele antes queria saber que as carvalheiras e os castanheiros de Braga ouviam a brisa ler-lhes as páginas soltas desse volume, do que saber que os elegantes de Lisboa ou do Porto liam distraidamente o livro entre uma tourada e uma ceia.

As narrações, de que ele consta, são feitas com a mais tocante singeleza. Há uma principalmente, cuja simples leitura nos comove tanto, como nos comoveu a todos o *Último ato*, quando a Soller, aproveitando os derradeiros e esplendidos clarões do seu talento artístico, e da sua existência, dava um sublime relevo ao papel da heroína desse drama íntimo.

Esse conto está inscrito no livro com a data 1854.

É a historia do casamento e da morte de um amigo do autor, José Augusto Pinto de Magalhães com uma senhora inglesa, Fanny Owen, tipo celeste, vulto de um anjo, que andou algum tempo exilado nesta triste mansão da terra.

É pungente aquela narração, e escrita de modo, que dos olhos mais indiferentes às desgraças alheias brotam necessariamente lágrimas.

Em todo o livro se nota esse ar de tristeza, aqui ou ali desanuviado por uma ou outra expansão da veia satírica do autor. E que dulcíssimo estilo! que suave melodia de frase! que tesouro de linguagem, e principalmente... que tesouro de coração!

Tenho já notado nos outros livros, ultimamente publicados por Camilo Castelo Branco, o suave perfume que está rescendendo o estilo deste romancista, estilo que foi sempre notável, mas nunca tão feiticeiro como atualmente. Como se há de isto explicar? A vida de Camilo Castelo branco está seguramente longe do ocaso, e contudo o seu estilo adquiriu a majestosa serenidade, a maviosa ternura, a dulcíssima tristeza do crepúsculo! Também já está longe da aurora, e, quando parecia que devia ter passado para Camilo Castelo branco

a idade dos sonhos, é que ele se torna um *rêveur*, um entusiasta, um adorador do bom, do belo e do ideal.

Esse tão suave encanto, essa feiticeira magia brilham tanto neste último livro, como no *Amor de Salvação*, como na *Filha do doutor negro*. Mas este livro ainda é mais sentido, e por isso mesmo que não é romance, e que o autor mostra francamente aos leitores o sacrário do seu coração, e os faz subirem com ele a corrente da sua vida, por isso mesmo ainda mais interessa, e maior simpatia adquire.

Simpatia é o termo próprio. Este livro é principalmente simpático.

Pelo menos para mim, que tantas vezes nele encontrei o eco dos meus próprios pensamentos, o espelho das miúdas sensações. Em muitas páginas do *No Bom Jesus do Monte* revela Camilo Castelo Branco a predileção apaixonada, que lhe inspirou a *Chave do Enigma do Amor e Melancolia* de Castilho. Igual predileção me haviam inspirado essas admiráveis páginas do nosso primoroso poeta. Mas eu agora levo uma vantagem a Camilo Castelo Branco, porque posso associar à bela produção do tradutor de Ovídio muitos trechos do novo livra de Camilo.

MANUEL PINHEIRO CHAGAS

Pesquisa e atualização ortográfica: Iba Mendes (2020).

AVENTURAS DE UM BOTICÁRIO DE ALDEIA



O Sr. Manuel Pires, farmacêutico aprovado por outro farmacêutico que não foi aprovado em parte nenhuma, estabeleceu a sua botica numa aldeia do concelho de Carrazedo de Monte Negro. O seu laboratório químico era um fogareiro e uma retorta de vidro, emendada no colo por um cilindro de lata. A sua livraria era o *Médico lusitano, in folio*; uma Farmacopeia, edição de 1700; e um pequeno volume intitulado — Segredos da natureza. Os lotes, que eram seis, continham garrações de barro vidrado, atapulhados de ervas, que tinham o merecimento cronológico de serem contemporâneas dos garrações. Afora isto, não sei que líquidos verdes e amarelos e azuis variegavam um dos lotes, que, pelos modos, continha os remédios heroicos, como óleo de amêndoas doces, extrato de amoras, solimão, e óleo de mamona.

Com tantos elementos não admirava nada que o Sr. Manuel Pires fosse um sábio, não digo consumado, mas superior à inteligência de alguns cirurgiões daquela redondeza.

Apenas estabelecido, este filho bastardo de Hipócrates honrou as cinzas de seu pai fazendo a cura radical de uma espinhela caída na pessoa da Sra. Terezinha da Fonte. Este triunfo da farmácia sobre a espinhela elevou o Sr. Pires, não direi até às colunas do *Zacuto*, mas até onde podiam levá-lo as suas aspirações de mestre Manuel Pires, como respeitosa e lhe chamavam os seus numerosos fregueses.

Um segundo triunfo veio consolidar a reputação adquirida no primeiro. A cura de uma *ostrução*, que eu não sei o que é, e outra de umas almorreimas renitentes, não deixou nada a desejar por aqueles arredores.

O Sr. Manuel Pires soube tirar partido dos dotes que a Providência lhe cedera. Relacionou-se com o pároco, com o regedor, com o juiz de paz, e associou-se assim a um triunvirato, que decidia dos

destinos da freguesia. E o que eles não fizessem dez léguas em redor ninguém o faria. Uma vez ouvi eu dizer ao tio Antônio da Poça que o sobredito juiz de paz se correspondia com os governos de Lisboa. Não posso abonar na sua íntegra a verdade do dito; mas não será sem fundamento a coisa, atendendo à importância de um juiz de paz, quando se trata de fazer um deputado.

O boticário era uma figura incapaz das honras anatômicas do romance. Tinha a cara vermelha como um molho de beterrabas. Os rofegos das bochechas caíam-lhe em forma de sanefas sobre os colarinhos engomados com pós de batata.

As ventas eram dois vulcões que resfolegavam lavas de simonte; e, não sei porque analogia estupenda, os dentes acavalados simulavam uma Herculanium em miniatura, um destroço de pilastras e ogivas e capitéis.

Como quer que fosse, o Sr. Manuel Pires, aos quarenta anos, contava quarenta conquistas das melhores raparigas da freguesia. E, honra lhe seja feita, não deu nunca pasto nos soalheiros, nem consta que desse o menor escândalo. Lá como ele fazia as coisas, e a felicidade dos seus triunfos, vai o leitor ajuizar, se, em desconto dos seus pecados, quizer ler uma página altamente dramática da biografia do nosso amigo.

Manuel Pires foi chamado um dia para curar uma dor de *reins* na pessoa da tia Maria do Eiró. Não é necessário dizer que a moléstia obedeceu. Na mesma casa curou da triz o tio João, e por fim talhou o *bicho* com perfeição e felicidade à Mariquinhas, rapariga de uma vez, e coisa de pôr a cara a um lado a mais de quatro *Antonis* de socos que lhe andavam por lá a regougar palavras de ternura.

O leitor não saberá o que é talhar o bicho, e eu, realmente lhe digo, que não consultei o dicionário das ciências médicas. Fiquemos com a nossa ignorância; e eu faço sinceros votos porque nos não seja preciso nunca talhar o bicho.

O caso é que o mestre Manuel Pires falou ao coração da rapariga, e fez-lhe vibrar todas as cordas da viola de alma. Não sei se a moçoila viu arcanjos, serafins, e brisas, e raios de lua a pratear lagos de anil. O que eu sei é que a boa da rapariga achava que eram pouco os olhos da cara para ver o Sr. Manuel Pires, que, diga-se a verdade, não era cético, nem carpia tristezas por desoras ao som do murmurar saudoso do sujo regato que lhe passava à porta.

Felizmente para ele, o dono da casa foi atacado de um *estalecídio* que lhe caiu nos bofes, segundo a opinião do boticário, e a cura demorada desta séria enfermidade proporcionou aos ternos amantes ocasiões ditosas de se trocarem palavrinhas de porem o coração em maré-cheia de poesia chula.

O diálogo, que mais concorreu para a solução final, foi incontestavelmente o seguinte:

ELE — O deus Cupido fez dos olhos de vosmecê duas setas, que trespassaram o meu coração.

ELA — E as palavras de vosmecê, como o outro que diz, são palavrinhas de mel a que não regeste meu sensível peito.

ELE — Eu bem queria dizer a vosmecê as ternuras do meu coração, e as congeminências do meu pensamento. Vosmecê é mais bonita que Vênus, e Cupido é o deus do amor que me derrete aos pés de vosmecê

ELA — Pois se vosmecê me tem amor para o bom fim o deve ter, que quem mal anda mal acaba, como o outro que diz.

ELE — O fim para que eu falei a vosmecê só eu o sei; e a troco desse negócio faz minguia falarmos outra vez.

ELA — Quando vosmecê quiser, e Deus o faça para bem, que lá eu querer-lhe isso quero eu, assim Deus me ajude, e o bicho me torne se assim não é. Uma rapariga que tem seus *cretos* não deve de perdê-

los, e vosmecê bem entende as coisas que é sábio e homem de cabeça, por muitos anos e *bôs*.

ELE — E vosmecê que os conte. Ora pois; o que se há de fazer ao tarde faça-se ao cedo. Se vosmecê me der duas palavrinhas esta noite, ouvirá da minha boca as afetíveis ternuras do meu amante coração, onde o deus Cupido cravou as mais duras setas.

ELA — Pois se vosmecê promete de ter toda àquela de... sim, dizia eu, se vosmecê promete de ter toda àquela... sim... como diz lá o ditado...

ELE — Pelo deus Cupido lhe prometo a vosmecê de lhe não pôr a minha mão, nem palavra lhe direi que seja contra a honra de vosmecê.

A resistência da rapariga era impossível! Quando a eloquência, assim inspirada do íntimo da alma, regurgita em jorros nos lábios de um amante, é certo o triunfo. O amor é realmente o galvanismo dos estúpidos, desses cadáveres morais, que se levantam do túmulo da inteligência, e cantam lérias num almiré celeste! Não nos recordamos de ter lido em romances franceses um diálogo tão fértil de imagens, tão vibrante de afetos, tão digno, enfim, de ser copiado na carteira destes obtusos amadores das salas, para os quais não há assunto, se lhes falharem as reminiscências do borda d'água.

Manuel Pires retirou-se com os acicates do seu deus Cupido cravados n'alma, e foi, a toda a pressa, aviar duas tisanas, e quatro cáusticos para a numerosa clínica que o esperava. Sem exageração, este farmacêutico era uma pílula de Holloway viva! Resumia todas as virtudes da revalenta arábica. Logo que o anjo da guarda, não pudesse salvar o enfermo das agressões mefíticas do espírito mau, Manuel Pires, anjo sublime do charlatanismo, com dedo inspirado, apontava a enfermidade, quer na boca do estômago, quer nos bofes quer nos miolos! Este homem desprezava a nomenclatura de Bichat, de Soares Franco, e de tantos outros criadores de nomes bárbaros que não fazem nada à saúde do cidadão. Honra lhe seja feita!

O nosso homem, aviadas as receitas, tirou do bolso uma coisa enorme de cobre defumado; levantou as camadas de metal, que guardavam não sei que pitonisa mágica, e, por fim de contas, era um relógio, cujo invólucro supria à farta uma bacia de semicúpios.

Eram 8 horas. Na aldeia é esta a hora dos amantes. Manuel Pires enfiou as suas meias de lã até à cintura, calçou os sapatos confidentes de mil empresas semelhantes, dobrou galhardamente o seu pau de carvalho ferrado de amarelo, e partiu.

Às 8 e um quarto, estava Manuel Pires no quinteiro da Mariquinhas, esperando-a, com a ansiedade própria da sua organização nervosa. Maus fados quiseram que naquela noite, e a tais horas, andasse fora de casa o tio João do Eiró. A rapariga entendeu que devia esconder em casa o seu boticário, enquanto o pai não recolhesse. Quis primeiro sumi-lo na corte das vacas, mas lembrou-se que o pai, antes de deitar-se, costumava ir afagar a sua vaca castanha, pela qual na feira dos 8 rejeitara sete moedas e um quarto! Meteu-o, depois, na loja da égua, mas a bestinha, egoísta e ciumenta da manjedoura, não compreendeu que o Sr. Manuel Pires era um racional, e jogou-lhe uma parelha de coices, que por um tris o não remeteu à galeria póstuma dos farmacêuticos ilustres. Introduziu-o no curral dos carneiros, mas a entrada do infeliz amante foi recebida com uma escaramuça de marradas, como se um lobo cervical os surpreendesse. Ultimamente, Mariquinhas, melhor avisada, levou o seu paciente amante para a cozinha, levantou um alçapão, fê-lo descer uma escada, e, quando descia mansamente o fatal alçapão, entrava o pai.

— Que fazes tu aí, rapariga? — bradou ele.

Mariquinhas atrapalhou-se, e coçou a cabeça com ambas as mãos.

Deve saber-se que o tio João desconfiava que a filha, quando podia, lhe roubava das caixas o seu saco de milho, que vendia para comprar, à surrelfa, o seu cordãozinho de ouro.

Na loja, onde o boticário desceu, estavam as caixas do milho, e não há nada mais natural que a irritação do velho, quando apanhou a rapariga em flagrante delito.

— Onde está a chave deste alçapão, rapariga? interpelou o tio João no mesmo diapasão.

— A chave tem-na vosmecê.

O homem entrou no seu quarto, próximo da cozinha, e veio com a chave, resmungando:

— Ora deixa-te estar, que não hás de cá tornar pô-lo vezo, minha cabra de não sei que diga!

Fechou o alçapão, e foi-se deitar.

A loja não tinha outra saída. O boticário, por tanto, achava-se numa posição falsa, diz o leitor. Ele sabia lá o que eram posições falsas! O que ele fez primeiro foi apalpar. Encontrou uma caixa, e disse lá consigo: “no chão não me deito eu.” Continuou fleumaticamente a fazer o seu juízo crítico do local em que se achava, e esbarrou com o nariz num presunto. Não obstante, o Sr. Manuel Pires tirou uma segunda conclusão: “de fome não morro eu.” Mais adiante esbarrou numa pipa, e teve a pachorra de lhe tocar com os nós dos dedos para ver se estava cheia. E o caso é que estava! Manuel Pires era um onagro de felicidade! “Deixa correr o mundo!...” disse ele, e estirou-se francamente sobre a caixa à espera de um sono regalado.

Passara-se uma hora, e o boticário, começando a pensar seriamente na sua situação, teve momentos de Napoleão na ilha de Santa Helena! Aplicou o ouvido, e nem um sussurro ouviu na cozinha. Sentiu frio, por que em dezembro não é fácil aquecer o corpo no fogão do amor. Deu alguns passos maquinais, buscando uma saída qualquer, e encontrou um albardão. “Valha-nos ao menos isto,” disse ele, e pegou do albardão, colocou-o convenientemente sobre si, e tornou-se a deitar.

Agora falemos das cólicas de Mariquinhas.

Como sabem, o pai deitou-se, e a rapariga recolheu-se ao seu quarto, já que não posso dizer ao seu palheiro. Alma de pedreneira, ferida pelo fuzil do amor, a moçoila não atinava com a maneira de pôr no olho da rua o seu querido farmacêutico. Inspirada pelo derradeiro esforço da sua dor sublime, lembrou-se de pôr em execução um plano digno de melhor sorte.

O pai ressonava profundamente, Maria, pé ante pé, entrou-lhe no quarto e saiu com as calças, em cujo bolso estava a chave. Judite não saiu mais contente da tenda de Holofernes!

Abriu o alçapão com sutileza, mas, no momento em que o levantava, os gonzos rangeram, e o lavrador, que sonhava com um saco de milho que lhe emigrava das tulhas, saltou abaixo da cama, gritando: “ó rapariga!”

Não se diz, em linguagem Portuguesa, sem um conhecimento profundo dos clássicos, a atrapalhação da cachopa! O tio João procurou as calças, e não as achou, mas o caso urgia. Mesmo em camisa (*proh pudor!*) saltou do quarto para a cozinha, já quando a filha se esgueirava, escada abaixo, para o quinteiro.

O tio João, contra todas as leis da decência, foi atrás de sua filha, e filou-a pelo gasnete:

— O que ias tu fazer à loja, Maria?

— Raios me parta (disse ela a chorar) se eu ia à caixa do pão ou dos feijões!

— Então a que ias tu lá, diabo?

— Assim me Deus salve, em como lhe não tirei nem um graeiro da caixa...

O tio João sentiu frio, e reconheceu que a brisa gelada da noite lhe soprava nas pernas. Tornou para a cozinha, e foi direito ao alçapão; mas... ai dele!... o alçapão estava aberto, e o honrado chefe de família resvalou com todo o peso da sua bestialidade até à loja.

Manuel Pires soltou um urro de surpresa, que já não foi ouvido pelo João do Eiró, que desmaiara.

Maria, ainda no quinteiro em postura de Dido lastimosa, ouviu um ruído, mas supus que era o cair do alçapão. Atravessou a cozinha, amaldiçoando a sua sorte, e meteu-se no seu quarto a pensar no desenlace daquela tragédia.

A tia Maria do Eiró, acordando, não achou na cama o seu velho, e sentiu ciúmes, pela primeira vez na sua vida. Chamou com voz do íntimo, três vezes, o seu João, e como ninguém lhe respondesse, a mulher começou a vestir-se, enfiando resposos a Santo Antônio, de mistura com não sei quantas pragas, que ela rogava ao sumidouro das suas socas.

E a filha, cosida com as mantas, nem uma palavra!

A tia Maria acendeu a candeia, e foi direita à cozinha, que era o ponto convergente de todas as operações daquele drama. Viu o alçapão aberto, e não tinha ainda reconcentrado em si todo o horror daquela fatalidade, quando ouviu um gemido surdo que vinha lá debaixo. A pobre mulher lembrou-se que estava roubada! Abre a janela e grita desentoadamente “aqui del-rei ladrões!” A vizinhança alarmou-se, e pouco depois os 60 fogos daquela aldeia aglomeravam-se no quinteiro do tio João do Eiró.

Os mais destemidos rapazes da aldeia desceram à loja, e encontraram o pobre velho com a cabeça aberta por dois lados, e não sei quantas costelas desmanchadas. Reinou o silêncio do mistério! Ninguém conjecturava a causa daquele estranho sucesso, quando um dos que farejavam os recantos da loja, descobre um pé por debaixo de um albardão! Levantou-se uma gritaria infernal: até

que o mais resoluto, afastando o albardão, soltou um brado terrível de espanto:

— O senhor mestre Manuel Pires!

Hão de ter visto nos dramas descabelados um encapotado, que é necessariamente um rei, mostrar a cara, e petrificar uma súcia de perseguidores, que o atacam. Pois tal foi o efeito que o boticário produziu na chusma de valentões de foice roçadora, que o cercavam.

O tio João, tornando a si, foi direito ao boticário para agradecer-lhe a prontidão com que viera curá-lo. Mas a tia Maria pôs tudo em pratos limpos: contou tudo a seu marido, que a escutava com cara de parvo, segundo convinha em semelhante conflito.

Mestre Manuel Pires ia ser apregoadado ladrão, por que a sua importância, passado o momento da surpresa, começava a sofrer uma grande baixa na opinião dos lavradores.

Mas o seu caráter repelia tamanha afronta! A hora solene de uma honrosa satisfação estava chegada. O farmacêutico, superando com a sua voz o ruído da turba conspirada, disse:

— Chamem cá a Mariquinhas que essa é que sabe do negócio como ele é.

O Pedro da Eira, apaixonado de Mariquinhas, vendo, com olhos de amante, o segredo da coisa, quis logo ali partir a cabeça do seu rival.

— Oh su'alma do diabo!... exclamou ele.

Contiveram-no. O Sr. João do Eiró chamou a filha. A pobre rapariga era uma cascata de lágrimas. Veio a muito custo, cuidando que era então a *sua fim*, como ela depois disse.

A sua aparição impôs às multidões um respeitável silêncio.

Mestre Manuel Pires falou assim, com ar de inspirado, e o braço direito em atitude profética:

— Esta rapariga é minha mulher, se ma derem. Eu vim aqui a troco dela. Em bom pano cai uma nodoa. Mal remediado é mal acabado. Amanhã se Deus quiser leem-se os banhos, e não há nada mais a fazer aqui!

A Mariquinhas ficou com cara de tola, e não cabia num sino. Os pais, desses não se fala. Mestre Manuel era o casamento mais vantajoso da freguesia. Endireitou as costelas ao sogro, bebeu à saúde da boa companhia, e casou com grande préstito, onde não faltou o juiz de paz, que teve de mais a mais o prazer de pendurar nesse fausto dia o hábito de Cristo na casaca. Nas bodas célebres para sempre, nos anais de Carrazedo de Monte-Negro, comeram-se dez cabritos assados com o competente arroz de forno.

Já lá vão cinco anos.

Mestre Manuel Pires espera ser deputado com um governo apreciador do verdadeiro talento; e a senhora Mariquinhas Pires já este ano veio a banhos de mar, e viu por aí baronesas, que lhe despertaram o louvável desejo de o ser.

E há de ser, se Deus quiser.



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com